

Presidente nega despotismo

O presidente Fernando Henrique Cardoso concordou parcialmente com as críticas do presidente do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), José Arthur Giannotti, seu amigo há mais de 45 anos. Giannotti disse que o presidente vive uma "situação perigosa de despotismo esclarecido". Segundo ele, a vitória do governo com a aprovação da emenda da reeleição deu a Fernando Henrique "superpoderes" que precisam ser revertidos em favor da abertura de canais de comunicação com a sociedade. O porta-voz da Presidência da República, embaixador Sérgio Amaro, disse que o presidente concorda principalmente com a necessidade de se aprofundar a democracia.

"O presidente não quer ser nenhum despota. O que ele quer ser é um presidente esclarecido que tenha condições de contribuir com este processo de aprofundamento da democracia", disse o embaixador. Segundo ele, o presidente não poderá cumprir essa tarefa sozi-

nho. "Não podemos incorrer no equívoco de acreditar que um presidente, ou o Executivo, possa ser um demiurgo (criatura intermediária entre a natureza divina e a humana) e possa ser capaz de realizar todas essas tarefas."

O presidente, assinalou o porta-voz, sempre foi contrário à realização de plebiscito para a reeleição. "O plebiscito poderia ser interpretado como uma forma de pôr à margem ou debilitar o Legislativo frente ao Executivo."

Polêmica — A preocupação de José Arthur Giannotti com os riscos do "despotismo esclarecido" pôs de lados opositores, mais uma vez, aliados e opositores do governo. O presidente de honra do PT, Luís Inácio Lula da Silva, acusou Fernando Henrique Cardoso de "pessoa presunçosa", mas disse não acreditar que ele vá transformar-se em tirano: "Acho que Fernando Henrique precisa apenas levar em conta que ser humilde não custa nada a ninguém." O ministro da Coordenação Política, Luís

Carlos Santos, viu nas declarações de Giannotti "um erro" de avaliação: "É o oposto: o governo é extremamente democrático e tem credibilidade internacional."

Para Lula, o presidente está "embevecido" com o apoio ao plano de estabilização econômica. "De vez em quando, Fernando Henrique Cardoso se apresenta para a opinião pública com o ar de pessoa presunçosa e, eu diria até, desrespeitosa, porque não leva em conta a existência dos partidos políticos, do movimento sindical e da resistência do movimento popular. Ele acha que as coisas se resolvem a partir do momento em que tenha vontade de decretar uma medida provisória. Acho isso muito delicado para a democracia." Mas, acrescentou Lula, "a sociedade brasileira, que teve a competência de se levantar para derrubar Collor, terá a mesma força para não permitir que um presidente eleito democraticamente se transforme em tirano".

O ministro Luís Carlos Santos, mesmo ressaltando que Giannotti tem "autoridade intelectual" para fazer avaliações políticas, preferiu não comentar a ampla reforma ministerial defendida por ele. Mas não gostou do fato de Giannotti ter responsabilizado o atual governo pelo "estilhaçamento" dos partidos. "Esse estilhaçamento é histórico e o atual governo, que herdou esse cenário, tem compromisso com as reformas políticas."

O ministro lembrou que a história republicana é marcada por instabilidades. "Getúlio Vargas deu um golpe e ficou anos no poder. Depois voltou e acabou dando um tiro no peito. Jânio Quadros renunciou. João Goulart foi deposto. Tancredo Neves morreu antes da posse. Fernando Collor inventou um partido, elegeu-se presidente sem o apoio de ninguém e sofreu o impeachment. Só agora, com Fernando Henrique, temos um pouco de estabilidade."